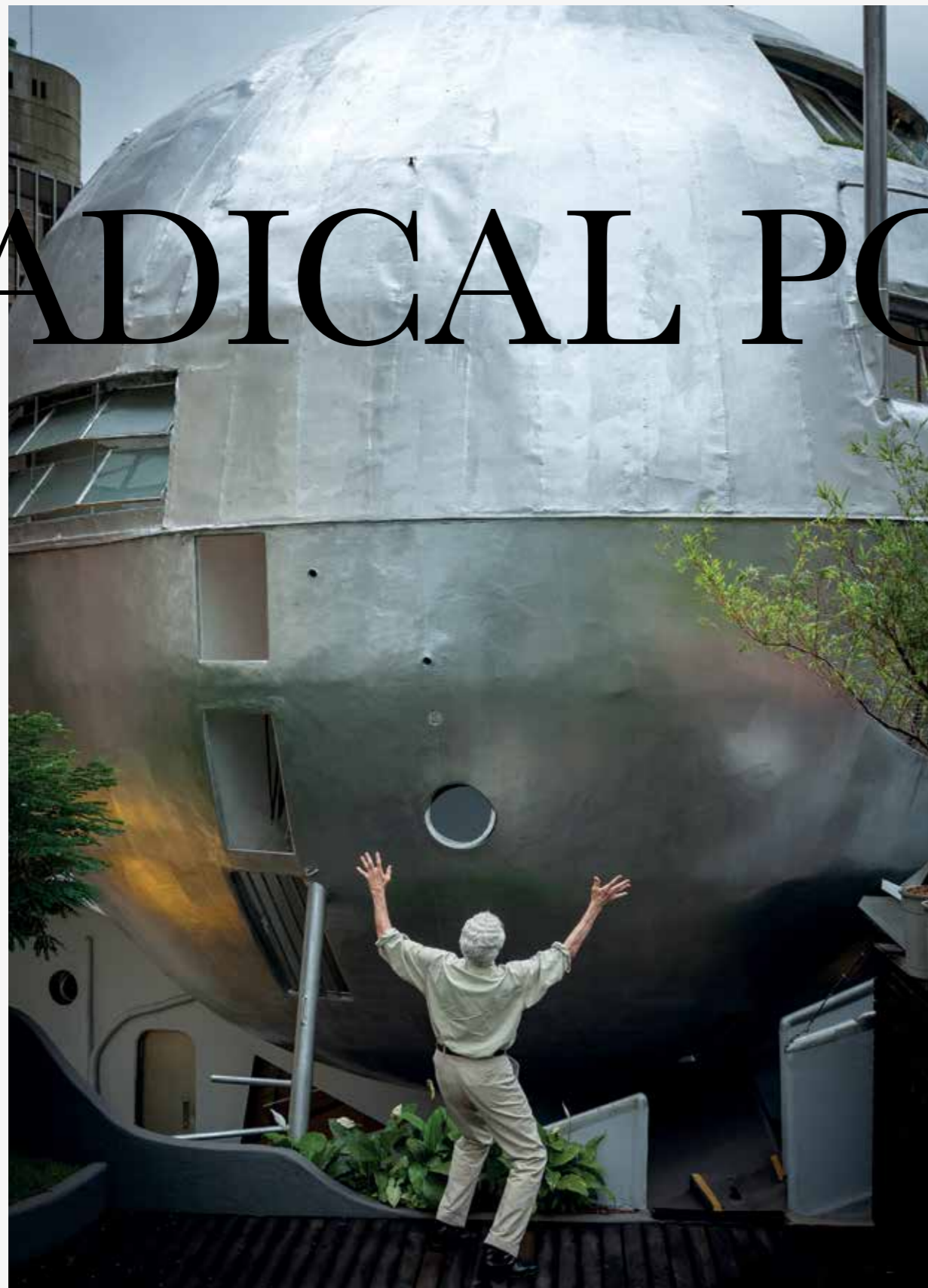


ARTO ABE



Cápsula de utopias Diálogos em torno do pensamento radical de Eduardo Longo

RADICAL POR NATUREZA



Por Adélia Borges

Fotos Tuca Reinés e Ruy Teixeira

Da ostentação ao essencial, Eduardo Longo transformou a Casa Bola em manifesto crítico e experimental sobre formas possíveis de habitar a metrópole

**Este texto foi escrito originalmente para a revista Design & Interiores, em 1989*

Eduardo Longo no lado de fora do Casa Bola,
projetado e construído entre os anos 1974 e 1979

A convivência cotidiana com a casa revelou seus limites e também suas virtudes. O espaço reduzido exigia disciplina, desapego e uma relação direta com o essencial.

A estranha esfera poderia ser confundida com uma nave espacial, um disco voador ou uma excentricidade passageira. Hoje, já não assusta nem surpreende. A Casa Bola que o arquiteto Eduardo Longo concluiu há exatamente dez anos incorporou-se definitivamente à paisagem de São Paulo. Implantada em uma das áreas mais exclusivas da cidade – nas imediações do cruzamento das avenidas Europa e Brigadeiro Faria Lima – tornou-se um ponto de referência, além de objeto do olhar curioso e tímido de turistas que visitam nos fins de semana.

Mas pouca gente conhece a história desse projeto – antes, durante e depois – que importa não apenas pelo partido arquitetônico, que permanece revolucionário até hoje, mas também pelas reflexões que suscita sobre a questão de habitar confortavelmente a grande cidade. Quanto mais espaço, melhor? Quanto mais privacidade, melhor? Quanto mais signos de poder e riqueza, melhor? São essas perguntas – e suas respostas habituais – que Eduardo Longo coloca em xeque.

Sua arquitetura reflete sua trajetória de vida, evidenciando profundas transformações pessoais em períodos relativamente curtos. Para facilitar a compreensão dessa narrativa, vamos dividi-la em momentos fundamentais.

Primeiro momento

Formado pela Universidade Mackenzie em 1966, Eduardo começou projetando residências de alto padrão em

São Paulo e casas de praia no litoral de Paulista. Logo se tornou um arquiteto bem-sucedido, presença constante nas colunas sociais, com muitos clientes e grande visibilidade.

Resolveu, então, se estabelecer *comme il faut* e, em 1969, comprou um terreno de 10 x 20 metros no Itaim Bibi. Ocupou-o com dois volumes implantados na diagonal: sua residência, voltada para a Rua Amauri, e o escritório, voltado para a Rua Peruíbe, que ainda não era asfaltada. Mudou-se em 1970.

Era uma casa adequada a um solteiro elegante. No térreo, ficavam a sala de estar (que também funcionava como garagem para seu Porsche), a cozinha e o quarto de Lídia, a fiel funcionária. No primeiro mezanino, o dormitório e o banheiro. No segundo, um pequeno ambiente com lareira.

O escritório no térreo abrigava também a garagem, a sala de espera e a sala de desenho – sempre ocupada por dois ou três auxiliares. No mezanino localizava-se o “gabinete do chefe”. Um analista logo observou como ele separava rigidamente o “espaço de morar” do “espaço de trabalhar”, já que apenas duas portas ligavam os blocos. Sua namorada na época foi categórica: “Você criou um teatro para se exibir.” E Eduardo reconhece: “Acho que ela tinha razão.”

“Disseram-me que o caminho para a felicidade era exatamente esse: ter fama, uma casa bonita, um

carro esportivo e namorar belas mulheres. Eu tinha tudo isso, mas minha angústia interna, minha ansiedade, só aumentavam. Eu era um arquiteto da moda – arquiteto de socialites,

claramente. Cheguei a ser comparado ao príncipe Charles por uma revista, eu, um mestiço qualquer em busca de sofisticação. Sentia que as pessoas me invejavam e sabia que eu não possuía todas as qualidades que me atribuíam. As obras que eu projetava não eram duráveis. Morar em uma delas era sinal de desconhecimento de projeto, no que diz respeito à durabilidade, aos processos construtivos etc. Passei a criticar minha própria arquitetura.”

Segundo momento

Fechada para reforma e em estado de suspensão, a casa levou o arquiteto a olhar simultaneamente para dentro de si e para fora. Foi então que percebeu que sua arquitetura evitava deliberadamente o exterior. O espaço era fechado, pintado de preto; não havia sequer uma janela voltada para a rua.

Isso despertou nele o desejo de abandonar esse tipo de ambiente exclusivo. “Primeiro deixei o portão destrancado – já era uma abertura enorme. Depois a casa começou a se abrir para a rua; um dia ‘descobri’ os pilotis e pensei que seria maravilhoso liberar o espaço entre a construção e o lote, mantendo apenas um pavimento

acima. Brincava com os amigos dizendo que transformaria meu terreno em passagem pública e moraria sobre ela. Naquele momento era apenas uma figura de linguagem.”

Terceiro momento

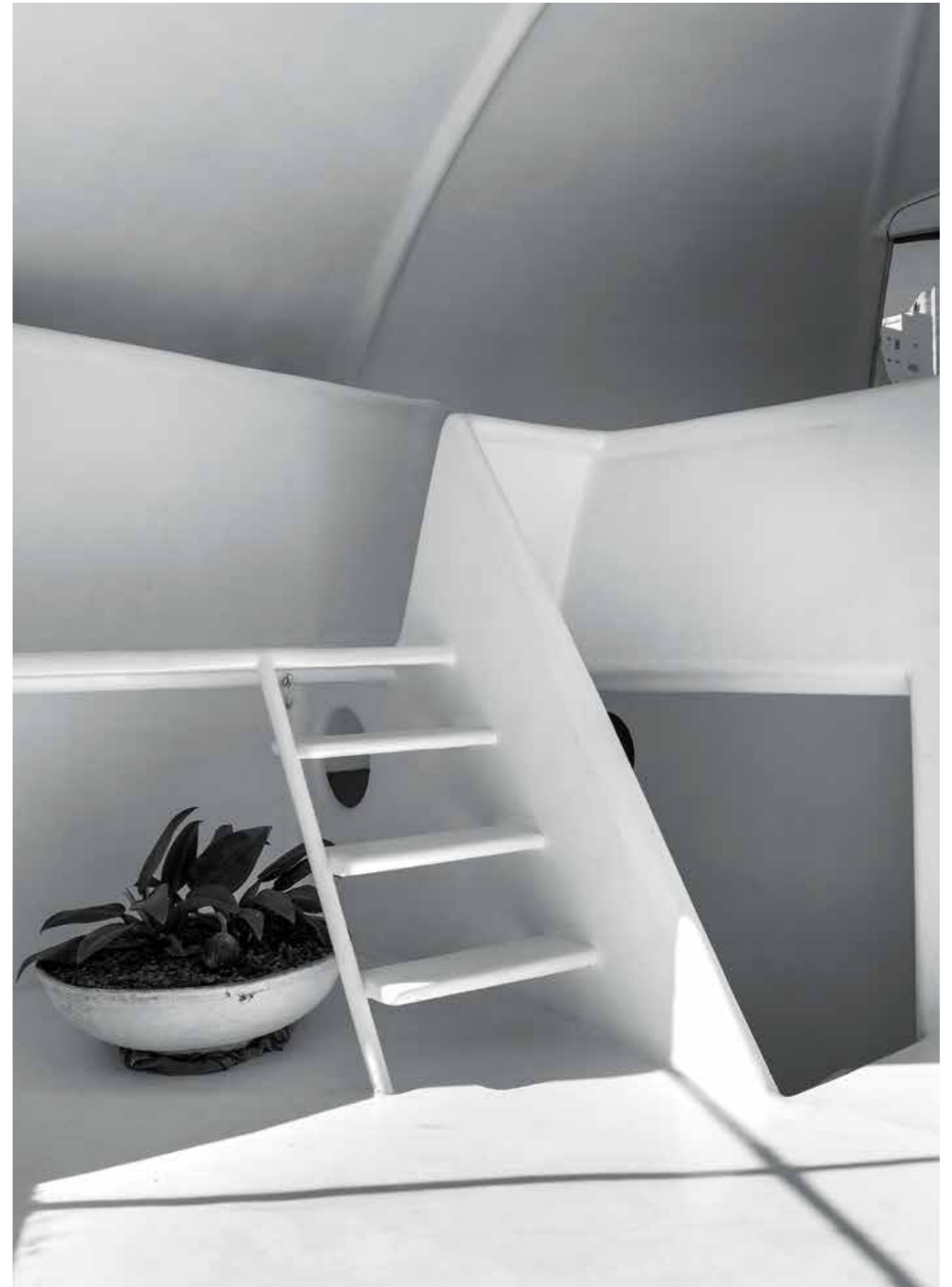
A reforma implicou uma redução drástica de área. Dos cerca de 200 metros quadrados originais, a casa passou a ocupar apenas 42. O antigo gabinete do chefe transformou-se em sala de estar, com sala, dormitório, banheiro, cozinha e área de serviço – tudo, evidentemente, em dimensões reduzidas. O térreo passou a ser ocupado apenas por um jardim, que poderia ser considerado semipúblico, já que contava com passagens abertas, ainda que pouco evidentes.

Neste período, Eduardo decidiu que havia chegado o momento de concretizar a ideia da esfera, construindo um protótipo para observar como as coisas se comportariam. Após avaliar diversas possibilidades de terreno, teve um estalo: “Por que não fazê-la sobre a minha própria casa?”

Foi uma decisão fundamental, pois o processo construtivo levou quase seis anos e, se tivesse ocorrido em outro local, talvez não tivesse sido concluído. Foram anos de trabalho árduo, tudo feito do zero, pesquisando materiais e executando literalmente com apenas duas mãos.



Vistas da sala de estar do Casa Bola



“Disseram-me que o caminho para a felicidade era exatamente este: ter fama, uma casa bonita, um carro esportivo e namorar belas mulheres. Eu tinha tudo isso, mas minha angústia interna, minha ansiedade só aumentavam. Passei a criticar minha própria arquitetura.”

Eduardo Longo

Paralelamente, ele realizava outros projetos para sobreviver e cuidava da família. Na época, já não estava mais sozinho. No dia em que foi retirar os entulhos resultantes das demolições, conheceu Suzana Campos, que acabou entrando na aventura. Logo veio o primeiro filho, Lucas, em 1974, e Elena (“sem H, para eliminar o supérfluo”), em 1975. A casa de 42 metros quadrados ganhou então um mezanino para acomodar as crianças. “Era claramente apertado. Morávamos os quatro ali e ainda usávamos um fogãozinho de duas bocas para ferver fraldas e cozinhar.”

Eduardo sequer chegou a pedir autorização à prefeitura para construir a esfera, pois sua intenção era erguer uma casa vítrea, com a injeção de um novo material, implantada na diagonal. A ideia inicial era criar uma casa aberta, sem paredes nem divisões internas. Mas durante o processo, percebeu que seria complicado demais. Ainda assim, propunha uma nova forma de viver, reproduzindo um espaço mais arejado, bem iluminado, em oposição aos modelos convencionais.

Quarto momento

Finalmente, a casa foi concluída em 1979. O resultado causou surpresa. Da antiga residência de 200 metros quadrados, restaram 42, agora reorganizados em sala de estar, dormitório, banheiro, cozinha e área

de serviço – tudo em escala mínima. O térreo manteve-se como jardim com passagens abertas para os transeuntes de São Paulo.

A esfera, implantada sobre a casa, tornou-se o elemento central da experiência. Seu processo construtivo exigiu soluções inéditas, pesquisa intensa de materiais – e um envolvimento direto do arquiteto em todas as etapas. Mais do que uma obra arquitetônica, a Casa Bola passou a representar uma mudança radical de postura diante da cidade e da própria vida.

Quinto momento

Nos movimentos de ida e volta da vida, Eduardo passou a morar sozinho numa segunda Casa Bola, no Morumbi.

Depois, alugou a pequena esfera para moradores bem-sucedidos e, em outro momento, alugou também a casa do Morumbi ao publicitário Washington Olivetto. No início de 1989, retornou ao Itaim, recuperando o local onde estivera nos anos de maior atividade profissional, quando mantinha uma clientela numerosa e uma rotina intensa de trabalho.

Sexto momento

Com o passar do tempo, a Casa Bola deixou de ser apenas um experimento pessoal para se transformar em referência.

O que antes causava estranhamento passou a despertar curiosidade, interesse e reconhecimento. E a esfera, inicialmente vista como algo excêntrico, foi gradualmente incorporada ao imaginário da cidade.

A convivência cotidiana com a casa revelou seus limites e também suas virtudes. O espaço reduzido exigia disciplina, desapego e uma relação direta com o essencial. Ao mesmo tempo, proporcionava uma experiência intensa de habitar, em que cada gesto e cada deslocamento ganhavam significado.

A casa tornou-se, assim, uma espécie de manifesto construído – não apenas sobre arquitetura, mas sobre modos de vida possíveis dentro da metrópole. Ao questionar o excesso, o desperdício e a ostentação, ela propunha uma alternativa radical à lógica dominante do morar urbano.

Sétimo momento

Ao longo dos anos, a casa foi sendo apropriada por diferentes usuários, cada qual com suas próprias demandas e leituras do espaço. Essa sucessão de ocupações demonstrou a capacidade de adaptação do projeto, mesmo dentro de suas limitações formais e dimensionais.

Mais do que um objeto fechado em si mesmo, a Casa Bola revelou-se um organismo vivo, sujeito a trans-

formações, ajustes e reinterpretções. Seu valor não residia apenas na forma esférica, mas na coerência entre conceito, construção e uso.

Para Eduardo Longo, a experiência consolidou uma virada definitiva em sua trajetória profissional e pessoal. A partir dali, sua arquitetura passou a assumir de modo mais explícito um caráter experimental, crítico e autoral.

Considerações finais

A Casa Bola sintetiza uma trajetória de vida marcada por rupturas, questionamentos e reinvenções. Ela nasce do confronto entre sucesso profissional e inquietação pessoal, entre reconhecimento externo e insatisfação interna.

Mais do que uma resposta formal, a esfera constitui uma pergunta lançada à cidade e a seus habitantes: é possível viver melhor com menos? É possível repensar os limites entre o público e o privado, entre a casa e a rua, entre o indivíduo e a coletividade?

Ao longo do tempo, esta construção deixou de ser apenas a moradia de um arquiteto para se tornar um marco da arquitetura brasileira contemporânea – não pela repetição de um modelo, mas pela coragem de propor um outro modo de habitar.



Vistas da sala de estar do casa Bola

Adélia Borges, Adam Štěch

Beta Germano

Cecilia Alemani, Camila Garcia Russo

Felipe Maia, Fernando Serapião, Fran Parente, Fred Coelho

Hans-Ulrich Obrist

Jacopo Crivelli Visconti

Karina Sérgio Gomes, Kiki Mazzucchelli

Lauro Cavalcanti

Maria Rita Drummond, Mauro Restiffe

Pedro Azevedo, Pedro Bucher, Peter Wrede

Raphael Fonseca, Regina Parra, Rem Koolhaas, Renata Piza,

Roberta Ristow, Roberto Cipolla, Ruy Teixeira

Silas Martí

Taissa Buescu, Taisa Palhares, Tuca Reinés